



BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

NOVEMBRO DE 2024

CCDR
NORTE



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte

Projeto realizado sob supervisão do Instituto Nacional de Estatística

Resumo

Durante o mês de novembro, as temperaturas amenas e os elevados teores de humidade no solo favoreceram as sementeiras e o desenvolvimento das culturas forrageiras e dos cereais de outono/inverno.

Ao longo do mês decorreu a apanha da castanha em todas as regiões produtoras de Trás-os-Montes e do Entre Douro e Minho, com as produções a serem globalmente boas, particularmente no que respeita à qualidade.

Após dois anos sucessivos de perdas de rendimento, os produtores de castanha conseguiram este ano obter rendimentos importantes para a manutenção da atividade.

Também foi época de colher a noz, cuja produção se afigura como uma boa opção de investimento no nordeste transmontano, em particularmente na Terra Fria. A produção deste ano atingiu volumes superiores aos do ano anterior, com boa qualidade.

Novembro foi também o mês em que se intensificou a colheita da azeitona e a laboração do azeite, cujas exigências de mercado têm levado a uma produção cada vez maior de azeites “verdes e picantes”. Este ano a antecipação da colheita também ficou associada, em alguns locais, à maturação precoce das azeitonas e à presença de mosca da azeitona. No Entre Douro e Minho (EDM) a produção de azeite foi reduzida, sobretudo por ataques de mosca da azeitona e gafa.

Nas mesmas condições esteve a produção de kiwi, cujo vingamento do fruto ficou comprometido pelas condições meteorológicas adversas durante o período da floração.

A colheita do milho grão em EDM foi dificultada pelas chuvas ocorridas em outubro, que alagaram os terrenos, impossibilitando a passagem das máquinas.

Após as colheitas, os produtores agrícolas rapidamente passaram para a fase seguinte – as podas – sendo visível, um pouco por todo o lado quando olhamos para o horizonte, as fogueiras resultantes da queima de lenha de poda e sobrantes agrícolas.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	5
1.1	Entre Douro e Minho	5
1.2	Trás-os-Montes	7
2	<i>Fitossanidade</i>	15
2.1	Entre Douro e Minho	15
2.2	Trás-os-Montes	17
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	19
3.1	Entre Douro e Minho	19
3.2	Trás-os-Montes	19
4	<i>Milho</i>	24
4.1	Entre Douro e Minho	24
4.2	Trás-os-Montes	25
5	<i>Fruticultura</i>	27
5.1	Entre Douro e Minho	27
5.2	Trás-os-Montes	29
6	<i>Vinha</i>	35
6.1	Entre Douro e Minho	35
6.2	Trás-os-Montes	36
7	<i>Olival</i>	39
7.1	Entre Douro e Minho	39
7.2	Trás-os-Montes	41
8	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	48
8.1	Entre Douro e Minho	48
8.2	Trás-os-Montes	49
9	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	53

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 *Entre Douro e Minho*



Figura 1. Rio Estorãos (zona de observação do Vale do Lima)
Foto por: Sandra Coelho

Apesar de favoráveis ao desenvolvimento das culturas forrageiras, as condições meteorológicas complicaram a conclusão dos trabalhos de silagem do milho e colheita do grão, devido às aleatoriedades climáticas (como a tempestade Kirk em outubro e as chuvas no início deste mês) que levaram ao atraso da sementeira das culturas de outono-inverno em alguns concelhos do entre Douro e Minho (EDM).

As temperaturas mais elevadas que o normal para a época e os teores elevados de humidade do ar facilitaram o desenvolvimento das populações e prolongaram o ciclo de vida da mosca do mediterrâneo e da mosca da azeitona. Também contribuíram para o adiantamento da maturação das oliveiras e das variedades de citrinos mais temporãs, ficando mais expostas a ataques da mosca e favoreceram o desenvolvimento da podridão da castanha "*Gnomoniopsis smithogilvyi*".

As elevadas temperaturas induziram a rebentação e floração fora de época nas culturas permanentes e neste momento a falta de horas de frio preocupa principalmente os produtores de kiwi, já que a região é o principal produtor deste fruto a nível nacional. Como é possível verificar no quadro, o mês de novembro foi o mais quente dos últimos doze nas estações meteorológicas do IPMA no EDM (Figura 2).

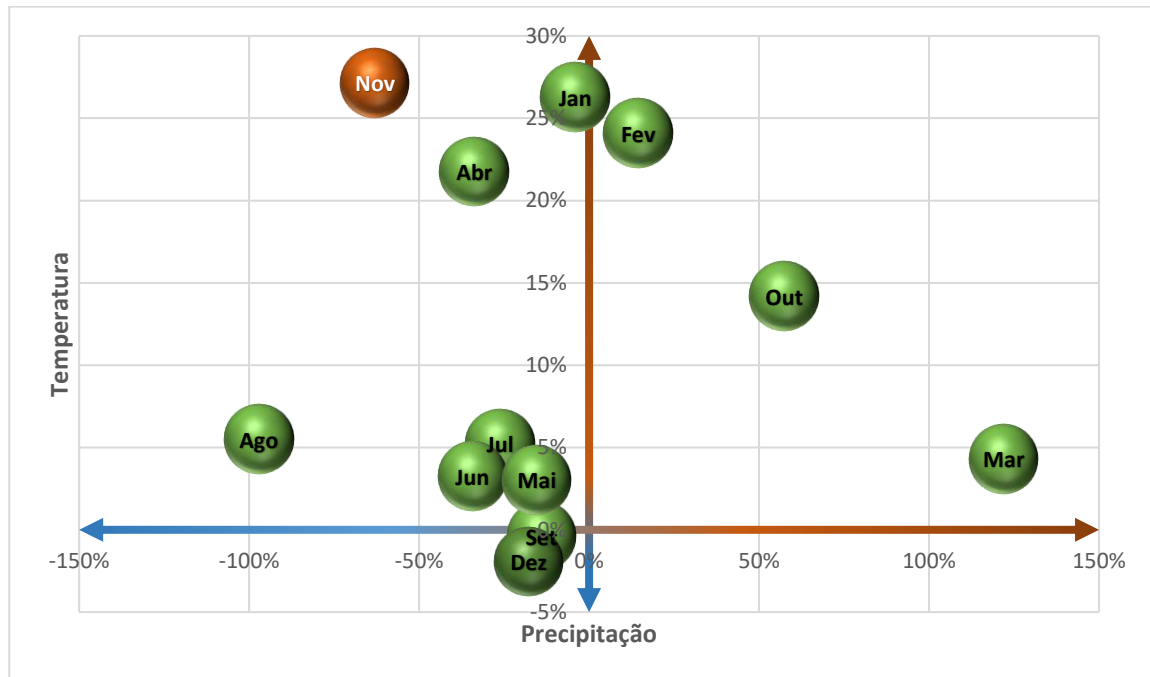


Figura 2. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

Contudo estas condições são favoráveis ao desenvolvimento vegetativo das ervas forrageiras e pratenses.

Na zona de observação do Cávado em particular, a queda da chuva fez com que o caudal dos rios e ribeiros provocasse alagamentos nos terrenos, tendo impossibilitado a entrada de máquinas para a realização das sementeiras de ferrões de outono/inverno.

As reservas hídricas das albufeiras situadas nesta zona de observação estão consideradas como normais.

1.2 Trás-os-Montes

Durante o mês de novembro, o estado do tempo em Trás-os-Montes desviou-se da normal climatológica (Figura 3) do mês de novembro.

Houve alternância entre dias amenos, solarengos e sem vento, com outros dias de vento forte, precipitação pontual e muita nebulosidade. No início do mês as temperaturas estiveram um pouco elevadas, em relação à normal climatológica, mas perto do final do mês começou a sentir-se um arrefecimento noturno e a verificar-se a formação de geadas (normais para a época).

Estas condições meteorológicas foram favoráveis à instalação dos cereais de outono/inverno e das culturas forrageiras e ainda à apanha da castanha e da noz.

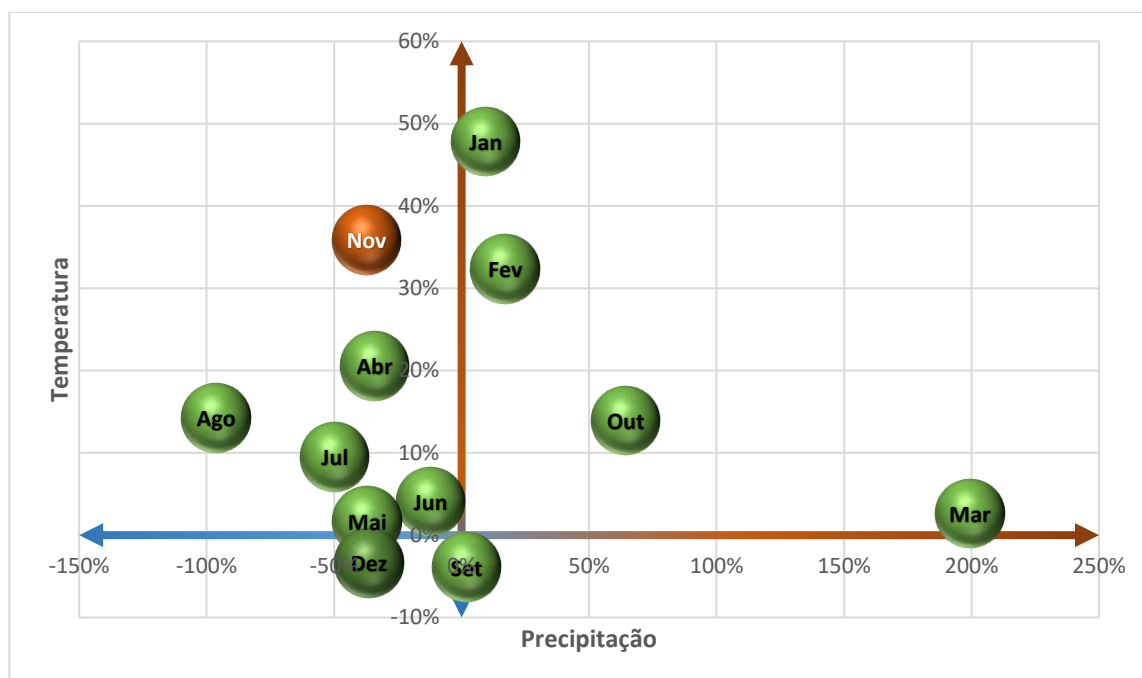


Figura 3. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

A partir do segundo decêndio de novembro, a Evapotranspiração de Referência (ET_0)¹ em Trás-os-Montes começou a descer até valores próximos de 1 mm/dia. No dia 24 de novembro estes valores sofreram uma inversão, chegando aos 2-3 mm/dia na região mais a este do território (distrito de Bragança).

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

Essa oscilação foi acompanhada por uma ligeira descida da temperatura do ar (que apesar disso se manteve acima dos valores normais para a época) e, em direção oposta, pelo aumento da percentagem de água no solo, que se situou sempre acima dos 50% chegando, em alguns casos, perto da capacidade de campo.

Houve períodos de chuva e alguns dias com vento mais forte, que não provocaram estragos significativos – apenas a queda de alguns ramos mais velhos ou frágeis de castanheiros, algum milho tombado e alguma erosão nos solos (já relatada no mês de outubro).

Fruto da precipitação ocorrida, as reservas hídricas continuam asseguradas – as linhas de água apresentam bons caudais e os poços, furos, nascentes, barragens e outros reservatórios têm bastante água armazenada.



Figura 4. Parcela semeada com aveia, Paçó - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 5. Charca particular, Castelo Branco - Mogadouro

Na figura 4 é visível uma parcela de terreno semeada com aveia, que apresenta boa germinação e bom desenvolvimento, apesar de se notar alguma escorrência.

Na figura 5 temos uma charca particular, que apesar de se situar num ponto alto da região, está quase na cota máxima de enchimento.

A barragem de Penas Roias, no concelho de Mogadouro (figura 6), tem como finalidade o abastecimento público urbano e está a cerca de 80-90% da sua capacidade, revelando a existência de recursos hídricos.



Figura 6. Barragem de Penas Roias (para uso urbano), Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

No final do mês de novembro, a maioria dos aproveitamentos agrícolas para rega manteve os níveis registados no mês anterior, com a barragem de Prada (Vinhais) a continuar a 100% do Nível de Pleno Armazenamento (NPA). Juntamente com a barragem de Salgueiro (Alfândega da Fé), estes são os únicos aproveitamentos para rega cuja capacidade de armazenamento atual supera os valores registados em data homóloga de 2023 – 100% em Vinhais e 98,33% em Alfândega da Fé.

Os níveis mais baixos mantêm-se em Chaves (Arcossó) e em Bragança (Gostei), onde o NPA atingiu os 42,21% e os 48,55%, respetivamente.



Figuras 7 e 8. Pastos em Penas Roias – Mogadouro (continuam a permitir o pastoreio)
Fotos por: Miguel Martins

Dada a abundância de humidade nos solos, as pastagens, prados e lameiros continuam a providenciar alimento para os animais sem recurso exclusivo ao alimento armazenado (silagens, forragens e rações) - esses terrenos estão ainda ricos em matéria verde, permitindo aos animais uma alimentação fresca, sã e virtualmente sem custos (ver figuras 7 e 8).

Nas barragens de Gostei e de Prada, as obras de limpeza e melhoria das infraestruturas continuam a decorrer. Em Gostei a quantidade de água armazenada é inferior (em mais de 50%), quando comparada com igual período do ano anterior (figuras 9 e 10). Esta infraestrutura tem problemas estruturais e perde água de forma considerável.



Figura 9. Barragem de Gostei, 21.11.2023, Gostei - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 10. Barragem de Gostei, 20.11.2024, Gostei - Bragança



Figura 11. Barragem de Prada, 21.11.2023, Prada - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 12. Barragem de Prada, 20.11.2024, Prada - Vinhais

Na barragem de Prada, a capacidade de armazenamento de água é de 100% (figuras 11 e 12), tal como em igual período do ano anterior.



Figura 13. Charca privada, novembro de 2023, Santa Comba de Rossas - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 14. Charca privada, novembro de 2024, Santa Comba de Rossas - Bragança

As linhas de água - quer as permanentes quer as temporárias - dispõem de água corrente. Os nascentes, segundo os produtores, estão a repor o nível de água e já estão muito próximos da sua capacidade máxima. Quando se observam as agueiras nos lameiros de regadio, já é possível observar água corrente, mas comparando com igual período do ano anterior existe menos armazenamento de água (para já ainda choveu menos) (figuras 13 e 14).

As principais culturas permanentes, tais como os castanheiros, as noqueiras, a vinha e as diversas fruteiras estão em fase de término do seu ciclo e a perder as folhas. Os solos neste momento já dispõem de água em profundidade e já é possível observar encharcamento nos lameiros de aluvião.

Os cereais de Outono/Inverno e as culturas forrageiras temporárias estão a iniciar o seu ciclo vegetativo e apresentam-se em ótimo estado vegetativo.

Na barragem de Temilobos, em Armamar, a diminuição do volume de água armazenado e o final da campanha da principal cultura da região (maçã) foi aproveitado para limpeza das margens e talude da barragem, com remoção da totalidade da vegetação que se acumulava de forma expressiva (ver figuras 15 a 18).



Figura 15. Barragem de Temilobos, 14.10.2024, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 16. Barragem de Temilobos, 26.11.2024, Armamar



Figura 17. Barragem de Temilobos, 14.10.2024, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 18. Barragem de Temilobos, 26.11.2024, Armamar

A precipitação em Mirandela tem sido reduzida e ainda não foi possível repor os níveis de água da barragem de Vale Madeiro, que neste momento estão aquém dos registados em período homólogo do ano anterior (54,97% em 2024 vs 88,08 em 2023). Contudo, e se compararmos com os dados do último quinquénio, este foi o segundo melhor ano da série. Nas figuras 19 e 20 é possível ver a diferença no volume de armazenamento.



Figura 19. Barragem de Vale de Madeiro, novembro 2023, Mirandela
Fotos por: Paulo Guedes



Figura 20. Barragem de Vale de Madeiro, novembro 2024, Mirandela

Resultado das condições meteorológicas quase primaveris registadas no mês de novembro, verifica-se nalguns locais da região transmontana um “avanço” de desenvolvimento quer das plantas espontâneas, quer das cultivadas, que se traduz por florações extemporâneas. Exemplo disso são as ervas-azedas (*Oxalis pes-caprae*) e os medronheiros (*Arbutus unedo*), que encontramos em flor no final do mês (ver figuras 21 e 22).



Figura 21. Ervas-azedas a entrar em floração, 26.11.2024, Valença do Douro (junto ao rio Douro)
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 22. Medronheiro em floração, em simultâneo com a produção de fruto, 26.11.2024, Meixedo - Tarouca

Nas culturas permanentes, em especial nas pomóideas e na vinha, alguns produtores optaram por dar início aos trabalhos de poda, aproveitando a disponibilidade de tempo e mão de obra. Contudo, a realização desta operação cultural com o tempo húmido e antes do correto atempamento das varas pode revelar-se prejudicial às plantas, potenciando a infeção por fungos e reduzindo a reserva de nutrientes nas raízes.



Figura 23. Pomar de macieiras podado, 26.11.2024, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 24. Vinha podada, 26.11.2024, Armamar

Nos pomares do Douro Sul, o período pós colheita tem sido aproveitado para recolher as redes de cobertura anti granizo, evitando que se danifiquem durante o inverno.



Figura 25. Pomar com as redes anti granizo já recolhidas, 26.11.2024, Armamar
Foto por: Suzana Fonseca

2 Fitossanidade

2.1 *Entre Douro e Minho*

As condições meteorológicas que se verificaram durante o mês de novembro – com temperaturas amenas para a época, alguma precipitação e humidade relativa elevada – favoreceram o desenvolvimento da mosca do mediterrâneo e da mosca da azeitona, que causaram prejuízos consideráveis, respetivamente, nas variedades de citrinos mais precoces e na azeitona.

Fazem-se os tratamentos preventivos considerados normais e necessários para a época e para cada cultura.

Este mês não houve emissão de circular por parte da estação de avisos do EDM.



Figura 26. Tuberculose da oliveira (*Pseudomonas savastanoi*), Zona de observação do Vale do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Figura 27. Azeitona afetada pela gafa (*Colletotrichum spp.*), Zona de observação do Vale do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Figura 28. Miolo de noz castanha e malformada, Santa Maria da Feira, Zona de observação do Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

2.2 Trás-os-Montes

Tal como referido no relatório de outubro, quando se observam e comparam os castanheiros que no ano anterior tiveram um forte ataque de septoriose, verifica-se que estes apresentam menos folhas e menos frutos e que o calibre dos ouriços é menor. Confirma-se, portanto, que esta doença teve um impacto negativo na produção e na produtividade dessas árvores na presente campanha.

Será necessário que os produtores de castanha se consciencializem e adotem práticas culturais preventivas (como a aplicação de soluções de cobre durante o inverno e na emergência das folhas), para irem minimizando o desenvolvimento dos fungos. Devido às alterações climáticas, que se estão a fazer sentir um pouco por toda a Região Norte, a tendência será sempre para o incremento de doenças criptogâmicas (que neste caso estão presentes nos soutos), desde que estejam reunidas as condições de humidade e temperatura.

Relativamente à cultura do olival na Terra Fria - com mais representatividade em Izeda, Rebordelo, Milhão, Coelhoso e Babe - verifica-se em campo que os frutos no geral continuam em bom estado fitossanitário.

Pontualmente observam-se frutos picados pela *Dacus Oleae* (designada vulgarmente por mosca da azeitona), que provoca estragos quantitativos e qualitativos, depreciando a qualidade do azeite. Também se verificam, pontualmente e de forma mais heterogénea, ataques da praga *Colletotrichum acutatum* e *C. gloeosporioides* (vulgarmente designada por Gafa). No entanto, os produtores dessa área de observação declaram não ter feito qualquer aplicação de produto fitofarmacêutico para estas pragas, por não se justificar, uma vez que o nível de ataque não foi atingido. Estamos perante uma campanha em que o produto azeitona se apresenta, no geral, em bom estado vegetativo e com boa qualidade, o que se deverá traduzir em azeites de excelência.

Ainda na Terra Fria, os dias amenos, húmidos e soalheiros revelam-nos uma boa germinação e desenvolvimento vegetativo dos cereais e dos frutos, não se verificando até ao momento relatos expressivos de doenças ou pragas nas culturas, com exceção de alguns casos isolados de parasitas na azeitona e na castanha.

Em oposição, na Terra Quente, há registos de ataques de mosca da azeitona, com estragos significativos nos frutos que chegam aos lagares de azeite (ver figuras 29 e 30).



Figura 29. Ataque da primeira geração de mosca da azeitona, Mirandela
Fotos por: Paulo Guedes



Figura 30. Pupas e larvas caídas no lagar, provenientes dos sacos com azeitona

Este período ameno e húmido tem promovido o desenvolvimento de fungos e ataques de insetos, pelo que foram justamente os fungicidas e inseticidas que os produtores mais prevenidos aplicaram nas suas culturas, para evitar prejuízos.

Especialmente a pensar nos ataques de fungos, a Estação de Avisos do Douro emitiu a 27 de novembro a Circular 11/2024, com informações relevantes acerca das Doenças do Lenho da Videira.

Para mais informação, pode consultar [AQUI](#) as Estações de Avisos do Serviço Nacional de Avisos Agrícolas.

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 *Entre Douro e Minho*

No Entre Douro e Minho, a data habitual de sementeira da aveia vai desde meados de novembro até fevereiro ou março, de acordo com a altitude e as condições climáticas, pelo que neste momento ainda é prematuro determinar a área de aveia para grão.

A cultura é feita maioritariamente por produtores pecuários, para obtenção de fardos ou rolos e a semente é utilizada para as sementeiras do ano seguinte (auto utilização), sendo que parte dela pode ser vendida.

Em princípio, os produtores habituais irão manter a área, pelo que a previsão é que a área semeada seja igual à do ano passado.

3.2 *Trás-os-Montes*

As sementeiras dos cereais praganosos mais importantes no Planalto Mirandês decorreram dentro da normalidade para a época, com um eventual atraso no “arremesso” das sementes à terra, em resultado da precipitação ocorrida e nos solos com maior teor de humidade. Assim, podemos encontrar culturas em diferentes estados de crescimento, mas que até ao momento apresentam boa germinação e desenvolvimento vegetativo geral (ver figuras 31 a 37).



Figura 31. Aveia a germinar e a crescer, Vila de Ala - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins



Figura 32. Aveia em bom estado vegetativo e de desenvolvimento, Brunhosinho - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins



Figura 33. Trigo Barbela, em bom estado vegetativo e de desenvolvimento, Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

A cultura do trigo tem sofrido de uma “falta de entusiasmo” em relação à sua produção, devido à descida do seu valor e ao aumento dos custos de produção.

O tritcale e o centeio foram semeados um pouco mais tarde que o trigo e a aveia, mas as sementes já germinam com bom desenvolvimento, não apresentando amarelecimento ou outro sinal de excessos ou carências.



Figura 34. Campo semeado com centeio, Paradela - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins



Figura 35. Pormenor do centeio, Paradela - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins



Figura 36. Campo semeado com triticale, Sanhoane - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins



Figura 37. Pormenor do triticale, Sanhoane - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

Na área de observação da Terra Fria as culturas cerealíferas já foram semeadas, nas parcelas que estiveram em pousio no ano anterior. As sementeiras decorreram sem percalços e em ótimas condições, uma vez que os solos apresentavam humidade e as condições meteorológicas foram favoráveis aos granjeiros.

Os cereais semeados no final de outubro, início de novembro estão neste momento germinados e as plantas apresentam um excelente estado vegetativo (conforme se observa nas figuras 38 e 39) e, segundo declarações dos produtores, adiantados em comparação com a campanha anterior. Pelo que se observa, e segundo declarado pelos comerciantes locais que vendem sementes, tudo indica que a área semeada com centeio e triticale este ano seja ligeiramente superior, uma vez que se verifica uma maior procura destas sementes, bem como de aveia. No entanto os adubos utilizados nas adubações de fundo não foram muito procurados e os mesmos agentes comerciais declaram ter vendido menos quantidade de fertilizantes, comparativamente ao ano anterior.

Mais uma vez se verifica que são os produtores pecuários a semear grandes áreas de cereal, com o objetivo de obterem alimento para os seus efetivos, visto que os concentrados continuam com preços elevados. Relativamente à área de aveia, a mesma é semeada maioritariamente para aproveitamento forrageiro.



Figura 38. Cereais de out/inv (centeio), novembro 2023, Deilão - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 39. Cereais de out/inv (centeio), novembro 2024, Deilão - Bragança
(mesma parcela, anos diferentes)

4 Milho

4.1 Entre Douro e Minho



Figura 40. Área de 18ha de milho grão de sequeiro por colher, Oliveira de Frades (zona de observação do Entre Douro e Vouga)
Foto por: Isabel Correia

A maior parte das colheitas de milho grão de regadio estão terminadas, tendo sido realizadas com condições meteorológicas muito instáveis. Enquanto os pequenos produtores fizeram as colheitas nos curtos períodos de tempo seco, os produtores de maior dimensão tiveram que aguardar por condições meteorológicas mais seguras para realizar a colheita.

De assinalar a ocorrência da tempestade Kirk no mês de outubro, que afetou uma área significativa, provocando quebras de produção na cultura do milho, seja para grão, seja para silagem, estragos esses que se evidenciaram no momento da colheita.

Generalizando, quem colheu antes das chuvas que ocorreram no início deste mês, teve boa produção, com boa qualidade. Nas colheitas após as intempéries, houve perdas.

O milho não vinha limpo do campo, pela dificuldade na colheita mecânica das plantas tombadas. Milho de fraca qualidade, com elevado teor de humidade, o que aumentou o tempo e custos de secagem. Maior custo na colheita, devido ao número de horas de operação da debulhadora, que em alguns casos demorou três vezes mais. O preço de mercado não cobre os custos de produção.

Apesar do bom estado vegetativo da cultura ao longo do seu ciclo e da expectativa de um bom ano de produção, a produção colhida é inferior (-11%) à verificada o ano passado.



Figura 41. Área de milho grão tombada, sem completar o seu ciclo de desenvolvimento, Santa Maria da Feira, (zona de observação do Entre Douro e Vouga)
Foto por: Isabel Correia

4.2 *Trás-os-Montes*

Tal como referido no relatório do mês anterior, deu-se uma ligeira subida na produção de milho face ao ano anterior, pois os solos têm mantido ao longo do ano um elevado teor de humidade. Os campos de milho ainda existentes já apresentam os caules secos ou praticamente secos e a maçaroca pronta para colher. Por norma a maçaroca que não foi comida pelas aves ou pelo javali – um dos grandes responsáveis pelos prejuízos nesta cultura – está em bom estado vegetativo e não foram relatadas anomalias, nomeadamente fungos ou pragas.



Figuras 42 e 43. Cultura de milho, com pormenor de maçaroca sã (em baixo), mas exposta aos elementos e às aves, Castelo Branco - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 44. Campo de milho tombado, resultado de dias de chuva e vento forte, Castelo Branco - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

5 Fruticultura

5.1 Entre Douro e Minho

Actinídeas (Kiwi)

Nos pomares de kiwis desta região estima-se uma produção significativamente inferior à da campanha anterior.

O estado de desenvolvimento vegetativo das plantas decorreu com normalidade ao longo do ciclo vegetativo. As reservas de água para rega foram suficientes para as necessidades da cultura. As irregularidades meteorológicas, com oscilações entre períodos mais quentes e períodos mais frios, resultaram numa heterogeneidade na rebentação e pequena redução do número de botões florais. Na fase da floração as temperaturas baixaram e ocorreu precipitação, que prejudicou a taxa de vrigamento dos frutos. Observou-se ainda alguma pressão de PSA (*Pseudomonas syringae pv. actinidiae*) e de *Botrytis* no vrigamento dos frutos.



Figura 45. Kiwi recém-colhido, onde é visível o bom calibre dos frutos, Ganfei – Valença (zona de observação do Minho)
Foto por: Aurora Alves

Apesar da maior parte da fruta já ter sido colhida, prevê-se uma grande diminuição da produção (-37%), por comparação com o ano passado, devido aos seguintes fatores:

- ✓ Poucas horas de frio e falta de produtos eficazes no mercado para garantir a indução floral ;
- ✓ Varas sem uma única flor (linhas e linhas em certos pomares);
- ✓ Primavera muito chuvosa e húmida proporcionou ataque de PSA na flor, provocando o aborto floral;
- ✓ As flores femininas abriram primeiro que os machos, originando dessincronização na polinização. Acresce o facto das telas anti granizo concorrerem para a dificuldade de polinização, ao impedirem o acesso dos insetos polinizadores às flores das plantas;
- ✓ Dificuldade na compra e custo elevado do pólen certificado (sem PSA);
- ✓ Muito do fruto que não ganhou peso.

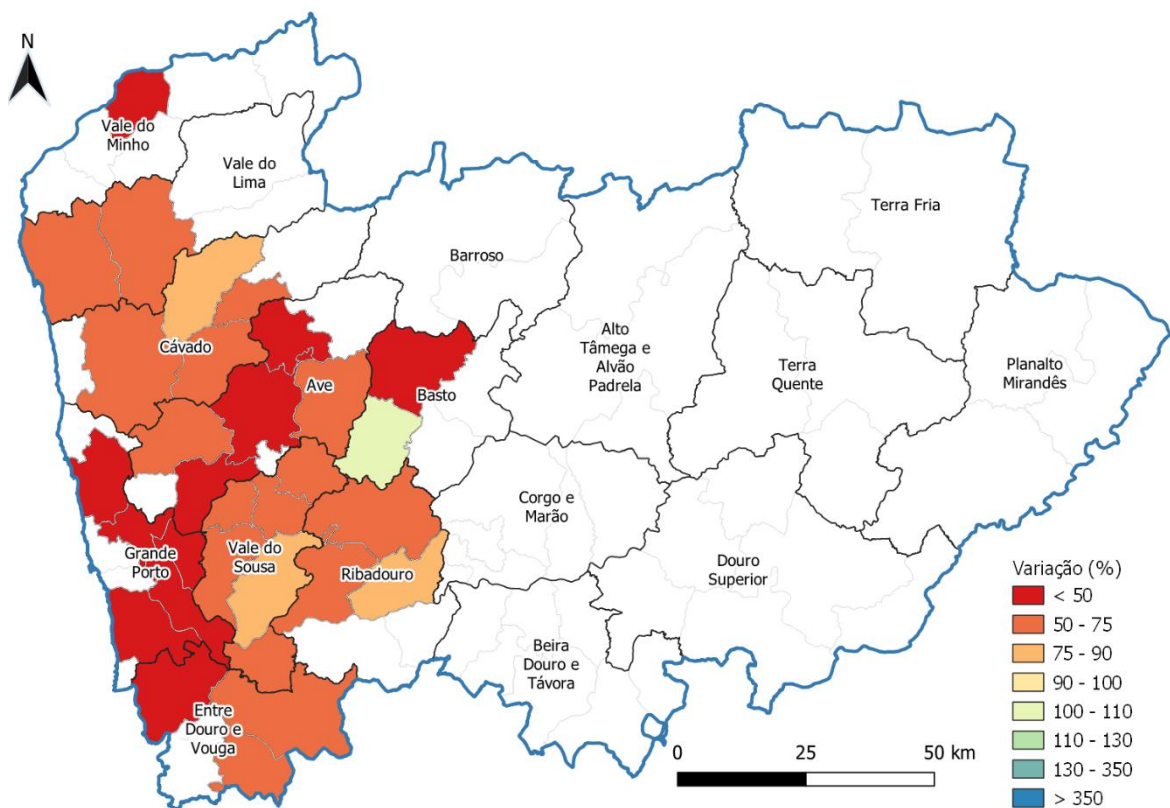


Figura 46. Variação (%) da produção de kiwi, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23

Nogueiras

Há menos fruto do que o ano passado. A cultura é feita em pequenos pomares sem grandes tratamentos, havendo sempre ataques de mosca da casca verde (*Rhagoletis completa*) e problemas de bacteriose (*Xanthomonas campestris pv juglandis*). Muita noz não chegou a criar miolo ou ficou escurecido, pelo que a previsão é de uma diminuição (-7%) da produção em relação ao ano transato.

Castanheiros

As condições meteorológicas foram favoráveis para o desenvolvimento e produção dos castanheiros, mas com estimativa de produção inferior (-14%) por comparação com a última campanha.

Recolhem-se agora relatos e evidências de prejuízos na produção, resultantes da ocorrência de podridão interior nas castanhas (*Gnomoniopsis smithogilvyi*), nos produtores que não realizaram o esquema de tratamentos recomendado para esta doença.

Os produtores que procederam oportunamente ao tratamento com fungicida relatam boas produtividades, um pouco superiores a 2023 e com boa qualidade.

Há a registar preços mais elevados relativamente ao ano anterior. A procura foi maior durante os festejos do S. Martinho.



Figuras 47 e 48. Plantação de castanheiros com 5 anos, cuja produção ainda é muito baixa, Cornes – Vila Nova de Cerveira (zona de observação do Minho)
Fotos por: Aurora Alves

5.2 Trás-os-Montes

Pomóideas

No mês de novembro conclui-se a apanha da maçã na região transmontana, em particular no Douro Sul, principal zona de produção.

A produção este ano situou-se em valores similares aos do ano anterior, apesar de se registar maior quantidade de maçã encaminhada para a indústria, em função das perdas provocadas pela tempestade Kirk (que tombou grande parte da fruta que ainda não tinha sido colhida nessa data).

Neste momento os produtores iniciaram os trabalhos de poda e de recolha das redes anti granizo, preparando-se para as intempéries do inverno.

Aveleiras, Nogueiras

A campanha de recolha da noz já terminou e neste momento os produtores estão a terminar o seu processamento em armazém - calibragem e acondicionamento - prevendo-se que as trocas comerciais estejam concluídas até ao final do mês.

À presente data ainda existe uma forte procura pelo produto “noz da Terra Fria”, pois estamos perante um produto de excelência, com bons calibres e ótima qualidade de miolo, com excelentes condições fitossanitárias - alguns comerciantes referem que a procura supera a oferta, que é baixa.

No início da campanha, o excesso de precipitação dificultou a apanha e elevou os custos de secagem da noz. Dado que a humidade relativa era muito elevada, houve necessidade de maior consumo energético para lhe conferir o calor inicial, seguido do choque térmico pela ação do frio à casca da noz.

Em termos temporais, foi uma campanha mais curta, mas com maior produção e produtividade, quando comparado com o ano anterior.

Do total da produção, cerca de 60% será correspondente aos calibres > 30 mm e 40% corresponderá aos calibres < 30 mm. Estima-se que a taxa de defeito nesta campanha seja baixa, rondando os 5%.

Citrinos

Pese embora a região transmontana não tenha grandes áreas de produção de citrinos, existem nos locais mais quentes do Douro Sul (em particular na proximidade de linhas de água) várias laranjeiras, limoeiros, tangerineiras (e outras), plantadas de forma isolada ou agrupadas em pomares, que servem o consumo particular, local ou de algumas grandes superfícies comerciais.

Exemplo disso são as plantações de citrinos nos concelhos de Carrazeda de Ansiães (Senhora da Ribeira), Alfândega da Fé e Vila Flor (Vale da Vilariça), Peso da Régua e Freixo de Espada à Cinta.

De forma generalizada, este ano a produção de citrinos está a ser generosa e de boa qualidade, por não se terem registado grandes ocorrências fitossanitárias.



Figuras 49 a 51. Exemplo de citrinos com boa produção, Ferradosa (S. J. Pesqueira) e Valdigem (Lamego)
Fotos por: Suzana Fonseca

Castanheiros

A campanha da castanha em Trás-os-Montes está praticamente concluída, ainda sendo possível observar em campo alguns produtores a finalizar a colheita.

De modo geral, estamos perante uma boa campanha, com o produto a apresentar-se em boas condições fitossanitárias – apesar de (naturalmente) a taxa de defeito aumentar à medida que nos aproximamos do final da colheita.

Na Terra Fria, os resultados foram um pouco heterogéneos – parte dos produtores obteve boa colheita e outros tiveram uma produção bastante reduzida, sendo que o balanço geral será de uma ligeira quebra de produção face a 2023. Os responsáveis pelas unidades de recolha/transformação de castanha desta região declaram que houve défice de produto para dar resposta à procura, nomeadamente da variedade Judia.



Figuras 52 e 53. Apanha mecanizada de castanha, variedade "Longal", Moredo - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Os produtores atrasaram a apanha para fazerem apenas uma passagem nos soutos, rentabilizando os recursos (visto que os fatores de produção estão muito altos e a mão de obra é fator condicionante), porque o estado de maturação estava também ele um pouco atrasado.



Figura 54 Aspeto da castanha em tegão de descarga.
Unidades de comercialização da Castanha da Terra Fria
Fotos por: Anabela Coimbra

Figura 55. Sistema de calibragem de castanha

Estamos perante uma campanha com áreas de novas plantações a entrar em produção e com melhor aproveitamento do produto na apanha. Comparativamente com 2022 (ano de seca) e com 2023 (ano de septoriose), este ano a qualidade foi muito superior.

Contudo, para o que seria normal face ao potencial produtivo na região, esta campanha foi menos produtiva em cerca de 35 a 40% de produção total. As cotações foram muito superiores, face ao ano anterior.

As trocas comerciais decorrem com normalidade e a castanha segue a cadeia de comercialização sem percalços.



Figura 56. Souto jovem, com ligeiro atraso de desenvolvimento e ouriços ainda fechados (embora sãos), 15.11.2024, Vila dos Sinos - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

Nos Soutos da Lapa a colheita da castanha terminou na terceira semana de novembro, com a comercialização a decorrer, previsivelmente, até ao final do mês.

Em termos de produção total, estima-se que esta se tenha aproximado dos valores de um ano normal, acrescendo o facto do fruto se apresentar com bom calibre e qualidade.

As cotações também se situaram em valores considerados normais para a região, sendo muito superiores às registadas em 2023, ano em que as perdas de qualidade associadas à septoriose e à *Gnomoniopsis smithogilvyi* se traduziram em quebras de preço bastante acentuadas.

Os produtores e comerciantes desta região, em que a variedade “Martáinha” é rainha, referem que – desde que a qualidade não sofra quebras – a comercialização da castanha está sempre assegurada a 100%. A única variável a ter em consideração, e que condiciona o rendimento dos produtores, são os preços. Segundo os operadores do setor, a negociação das cotações da castanha é muito dinâmica, oscilando bastante com o tipo de cliente e a época de comercialização (embora esta seja muito reduzida).

Após a colheita da castanha, já é visível a preocupação de alguns produtores, que tentam proteger as suas árvores – em particular as mais jovens – contra os eventuais ataques de doenças que possam ocorrer durante o período de inverno.

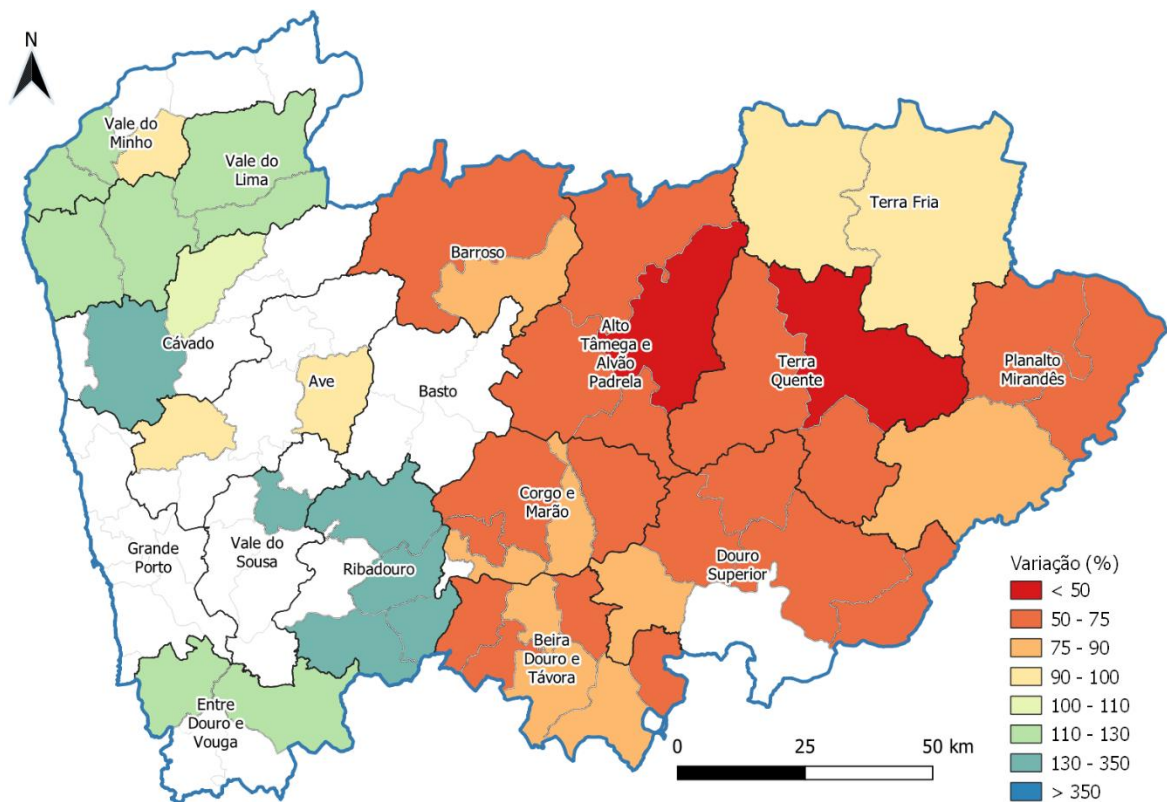


Figura 57. Variação (%) da produção de castanha, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23

6 Vinha

6.1 *Entre Douro e Minho*



Figura 57. Vinha da casta “Alvarinho”, no início do atempamento da vara, Paderne – Melgaço (zona de observação do Minho)
Foto por: Aurora Alves

Na sub-região do Alvarinho destacamos a boa qualidade da uva produzida, com graduações médias superiores ao ano anterior.

No que respeita à comercialização, esta sub-região vinícola não tem problemas no escoamento do vinho, seja para o mercado nacional, seja para o mercado externo. A estimativa é de um aumento (+23%) da produção de vinho, relativamente ao ano passado.

No restante EDM, as uvas colhidas foram, de modo geral, de muito boa qualidade e com bom rendimento em mosto. Resultaram vinhos fáceis, com muito bom potencial de qualidade, grau alcoólico ligeiramente superior ao desejável e acidez relativamente baixa, designadamente nos níveis de ácido tartárico (com necessidade de correção em alguns vinhos).

O mercado interno do vinho quebrou muito, assim como tem diminuído a procura no mercado externo (um pouco por toda a Europa), devido especialmente ao fecho dos mercados do leste europeu. Excetua-se o mercado nórdico, que tem mantido alguma estabilidade.

Aparentemente esta quebra na procura deriva da perda do poder de compra e das políticas das taxas sobre o álcool. As expectativas sobre o mercado dos EUA também se revelam pouco animadoras, em razão da provável política protecionista com aplicação de taxas comerciais.

Nesta conjuntura de mercado, verificou-se nas últimas campanhas uma menor procura de uvas na produção, por parte de alguns operadores vinícolas, e dificuldades em cumprirem com o pagamento das uvas à produção. Como consequência, os viticultores privilegiaram a venda de uvas aos operadores comercialmente melhor estabelecidos.

A estimativa é de uma ligeira diminuição (-5%) da produção de vinho verde, em relação ao ano passado.

As adegas cooperativas deram por finalizados os trabalhos das vindimas no início da primeira quinzena deste mês.

Neste momento os viticultores efetuam a entrega das Declarações de colheita, pois o prazo decorre até ao fim do presente mês.

6.2 Trás-os-Montes

Tal como mencionado no mês anterior, a campanha das vindimas decorreu dentro da normalidade e, de acordo com responsável pela unidade de transformação com maior expressão na região de Mogadouro, as uvas - brancas e tintas - acusaram um menor teor de açúcares face ao ano anterior, mas foi obtido mosto de boa qualidade. A referida unidade não produz vinho, mas sim mosto concentrado.

Nesta região, a produção foi um pouco inferior em relação ao ano anterior, pelo que se antevê uma ligeira subida nos preços. A comercialização dos vinhos está assegurada por empresas de grandes dimensões, mas também por alguns produtores de menor dimensão que têm vindo a surgir na região, apostando com crescente sucesso nas características endógenas do concelho.

Na Região Demarcada do Douro (RDD), principal região produtora de uvas em Trás os Montes, a vindima também decorreu sem problemas de qualidade. Destaca-se contudo o enorme impacto que a quebra na procura de uvas para vinho de mesa teve nos produtores vitícolas, uma vez que parte significativa dos seus rendimentos advém das uvas de consumo.

Como foi referido em Boletins anteriores, as adegas da região tiveram dificuldades de escoamento dos *stocks* de vinho de mesa do ano anterior, pelo que em 2024 não tiveram interesse (nem capacidade logística ou financeira) de adquirir e vinificar uvas de consumo, limitando-se à produção de vinho licoroso/generoso (“vinho do Porto”).

Os produtores de uvas viram-se assim a braços com grandes dificuldades, num ano em que a produção de uvas foi particularmente boa, em quantidade e em qualidade. Parte desses produtores – os que têm adega – optaram por vinificar a produção própria, com gastos adicionais (produtos, energia e mão de obra), ficando agora a aguardar pelas vendas potenciais.

Os restantes produtores não tiveram outra solução senão deixar as uvas nas videiras, vindimando apenas a componente encaminhada para vinho generoso.

Registam-se duas situações particulares, resultantes desta crise no setor:

- Algumas empresas mostraram-se dispostas a adquirir a produção de uvas de mesa a preços muito abaixo dos valores normais (ofereciam 50 euros por pipa de vinho – equivalente a 720kg de uvas), fazendo uso da sua posição dominante no mercado;
- Os produtores sócios de adegas cooperativas tiveram oportunidade de entregar a produção na adega, mas sem qualquer informação do preço que será pago, nem da data em que isso virá a ocorrer.

Tudo isto resultou em constrangimentos pessoais e financeiros nos viticultores da região, que levarão algum tempo a superar.

Os trabalhos nas adegas arrastaram-se durante o mês de novembro, com muitos vinhos ainda em laboração.

Na vinha, verifica-se um pouco por toda a região que já foi início aos trabalhos de poda, apesar do incompleto atempamento das varas.



Figura 58. Vinha já podada, 27.11.2024, Vila Real
Foto por: Suzana Fonseca

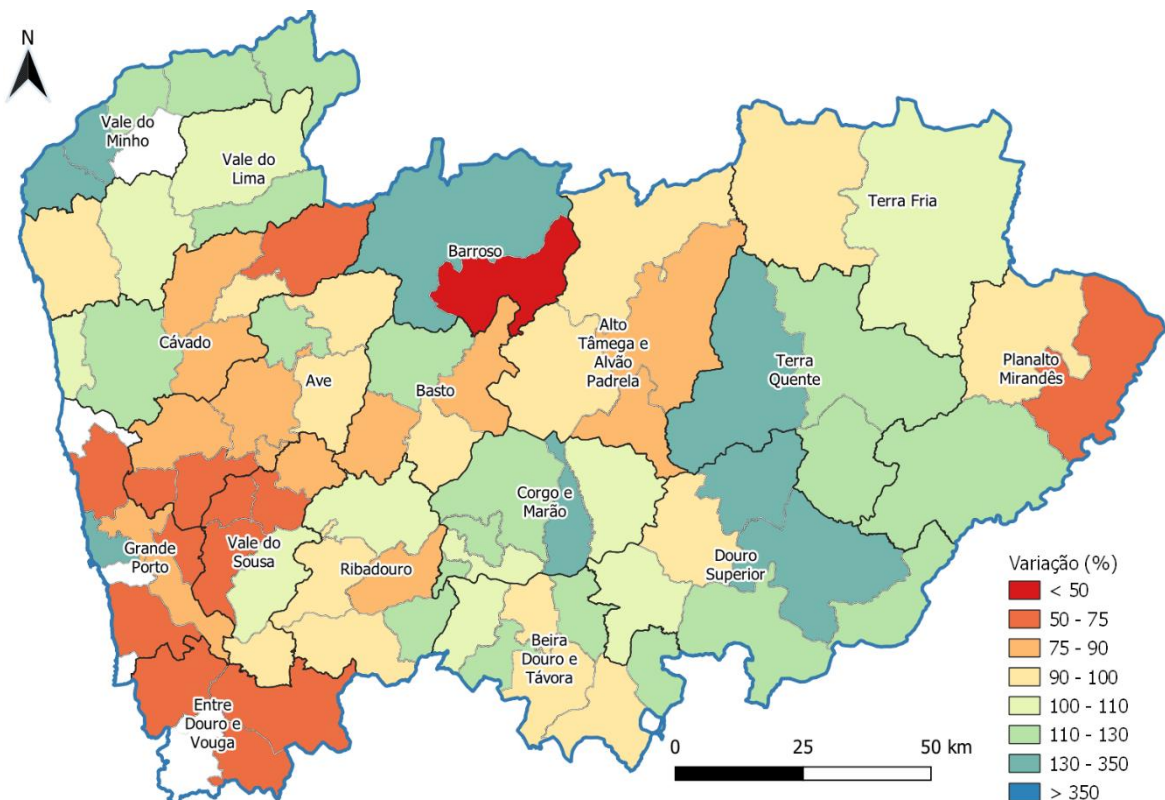


Figura 59. Variação (%) da produção de uva para vinho (mosto), comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23

7 Olival

7.1 *Entre Douro e Minho*

Relativamente à azeitona para azeite, estão concluídas as colheitas. A variedade galega amadureceu rapidamente – na mesma oliveira podíamos observar fruto maduro e fruto completamente verde, e como o fruto maduro estava a cair, antecipou-se a colheita.

É um ano de pouca produção. Os olivais são conduzidos de forma tradicional, sem práticas culturais adequadas.



Figuras 60 a 63. Aspetos da laboração do lagar de Fornos – Castelo de Paiva, onde é laborada azeitona de Arouca (zona de observação do Entre Douro e Vouga)
Fotos por: José Reis

“A oliveira apresenta ciclos de alternância muito característicos. A seguir a um ano de elevada produção segue-se invariavelmente uma menor colheita. O fenómeno é tanto mais acentuado quanto mais marginais são as condições de cultivo, podendo ocorrer anos em que os frutos existentes mal justificam a apanha” (fonte: Biblioteca Digital, Instituto Politécnico de Bragança, Autores: Rodrigues, M.A., Arrobas, Margarida).

Assim aconteceu este ano na região de EDM. Apesar da nasçença ter sido boa, as chuvas durante a floração provocaram a queda de parte da flor e as oscilações climatéricas seguintes levaram à queda de muitos frutos vingados.

A produção foi muito fraca, com poucas azeitonas em grande parte das oliveiras, o que resulta numa estimativa de uma muito grande diminuição (-59%) da produção de azeite, comparativamente ao verificado no ano passado.

Para laborarem, os lagares compram azeitona em fora da região (Trás-os-Montes e Viseu).

A azeitona fraca - com problemas sanitários - dá origem a azeite de fraca qualidade. São precisos 12 a 13 kg de azeitona para dar 1 litro de azeite.

Quem não fez os tratamentos fitossanitários, tem azeitona atacada pela mosca (*Bactrocera oleae*) - nestes ataques a larva alimenta-se do interior do fruto, provocando a sua queda prematura. O orifício provocado pela picada da mosca é uma porta aberta para os microrganismos, como fungos e leveduras, diminuindo a qualidade do azeite e originando azeites com maior acidez.

Ocorreram ataques generalizados de gafa, causados por um conjunto de fungos que provocam manchas deprimidas, arredondadas e acastanhadas, com aspeto oleoso, que se vão alastrando. A azeitona ficou desidratada (engelhada), acabando por cair.

Em Castelo de Paiva, um lagar que laborava habitualmente azeitona de Arouca nem chegou a abrir - lagar de Fornos. O lagar de Folgosa, também em Castelo de Paiva, laborou azeitona proveniente do concelho de Arouca, mas de muito menos produtores que no ano anterior.

Em anos de pouca produção, também os lagares vão deixando de laborar, ou só abrem pontualmente, o que aconteceu este ano com o lagar de Estorãos, em Ponte de Lima, onde, preferencialmente, é entregue a azeitona do Vale do Minho.

Na zona de observação do Lima, estão referenciados três lagares: Bravães, Estorãos e Padreiro. No entanto, devido à idade avançada dos proprietários e à dificuldade em encontrar mão-de-obra, o lagar de Padreiro, em Arcos de Valdevez, encontra-se inativo

há dois anos consecutivos. Esta situação afeta diretamente a colheita da azeitona no concelho, uma vez que a maioria dos agricultores que utilizavam este lagar também são idosos e frequentavam-no por proximidade. Isso limita a sua capacidade de ir ao lagar mais próximo, cuja distância já é um desafio e na maioria das vezes faz com que se desista da pouca colheita que tem existido.

7.2 *Trás-os-Montes*

De momento a cultura que implica maior expressão de trabalho é a cultura do olival.

A apanha de azeitona de mesa decorreu dentro da normalidade durante os meses de outubro e novembro e em muitos locais da região transmontana já terminou. O balanço é positivo, com aumento de produção face ao ano anterior. Regra geral o fruto encontrava-se são e em boas condições de desenvolvimento e os negociantes na área organizaram o seu armazenamento e prepararam o envio/transporte para as unidades industriais de cura.

Decorre nesta altura a campanha de azeitona destinada à extração de azeite. Árvores e frutos estão, pelo que se pode observar, em bom estado vegetativo, com fartura de azeitona.

Na região da Terra Quente – forte produtora de azeite em Trás-os-Montes – a colheita da azeitona (“varejo”) nas explorações de maior dimensão é feita com recurso a equipamento mecânico de varejamento. Esse equipamento pode ser de utilização individual ou para acoplar ao trator (ver figura 63), permitindo maior rapidez e rentabilidade de trabalho.



Figura 64. Apanha mecanizada da azeitona, Mirandela
Foto por: Paulo Guedes



Figuras 65 e 66. Foto acima com oliveira velha e foto ao lado com oliveira nova. Ambas com boa produção, Vilarinho dos Galegos - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Fria a cultura está a terminar o seu ciclo vegetativo e já é possível observar em campo os produtores a realizarem a apanha da azeitona, sendo que as principais unidades de transformação iniciaram este mês a laboração. O lugar de Izeda (Bragança) abriu a campanha a 18 de novembro e a unidade de Sanceriz (Bragança) ainda vai iniciar. Ambas iniciaram a transformação da azeitona cerca de 10 dias mais tarde que na campanha anterior. A unidade de Rebordelo só irá iniciar a campanha de laboração no início do mês de dezembro.



Figuras 67 a 69. Exemplos de oliveiras sãs e com boa produção, Vilarinho dos Galegos - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Segundo as declarações dos olivicultores e dos responsáveis das unidades de laboração, e pelo que se observa em campo, os frutos das variedades “Madural”, “Cobrançosa” e “Santulhana” já estão bem maduros e caem com facilidade, ao contrário da variedade “Verdeal”, que ainda tem dificuldade em se soltar do pedúnculo. Os rendimentos médios na principal unidade de transformação, no início da campanha, situaram-se entre 17% e 18%, valores superiores aos mesmos rendimentos em período homólogo do ano anterior.

No geral, para a Terra Fria, estima-se maior produção e produtividade que na campanha anterior, apesar da grande heterogeneidade que se verifica de umas localidades para outras. As variedades em que se observa mais azeitona são a “Cobrançosa”, a “Madural” e a “Verdeal”, sendo que a “Santulhana” apresenta maior heterogeneidade - existem locais com muita azeitona e outros como é o caso de Milhão e Coelhooso com menor quantidade.



Figuras 70 e 71. Aspeto da azeitona, em olival tradicional regime sequeiro, Izeda - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Por toda a região transmontana se observam oliveiras “carregadas” de azeitona, em adiantado estado de maturação, com bons calibres e dureza (reduzido teor de água), prevendo-se bons rendimentos em azeite.

Desde o início da campanha que se observam, nos mesmos locais e lado a lado com essas árvores, outras com pouca ou nenhuma produção. Este fenómeno estará associado às variedades e ao vingamento dos frutos no período da floração, dificultando as previsões de produção e produtividade.



Figuras 72 e 73. Aspeto da azeitona, em olival de bordadura, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca

Em alguns locais, e como foi referido no boletim de outubro, registam-se casos de Gafa (fungo) nos frutos, levando a perdas de produção (ver figuras 74 a 76).



Figuras 74 e 75. Pormenor da azeitona, com ataque de Gafa, Armamar (à esquerda)
Fotos por: Suzana Fonseca

Figura 76. Aspeto da azeitona, com ataque de Gafa, Mirandela (em cima)
Foto por: Paulo Guedes



Figura 77. “Ouro líquido” - Extração de azeite no lagar, Mirandela
Foto por: Paulo Guedes

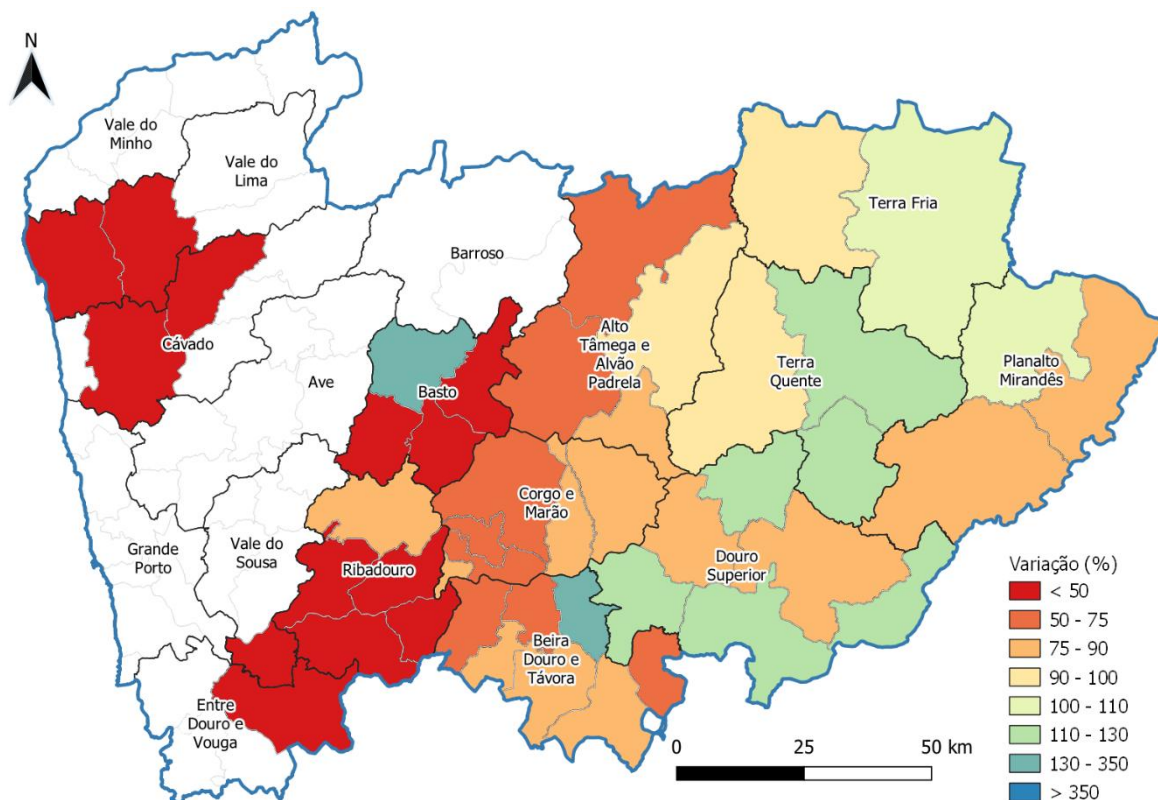


Figura 78. Variação (%) da produção de azeitona para azeite, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23

8 Prados, pastagens e culturas forrageiras

8.1 *Entre Douro e Minho*



Figura 79. Consociação anual, semeada em outubro 2024, com bom desenvolvimento vegetativo, Verdoejo - Valença
Fotos por: Aurora Alves



Figura 80. Azevém forrageiro com bom desenvolvimento vegetativo, Ganfei - Valença
Zona de observação do Minho

As áreas de milho forrageiro colhidas antes do período de chuva, tiveram boa produção em quantidade e qualidade. As colheitas feitas após os vários temporais que assolaram a região tiveram quebras de produção, que variam de zona para zona de observação.

A quebra da produção colhida deve-se ou à colheita incompleta da planta (foi colhida acima dos 20cm) ou à colheita parcial de campos, pois as máquinas enterravam-se ou ainda ao alagamento dos campos, que ainda estão por colher.



Figura 81. Animais em pastoreio, Aguiã - Arcos de Valdevez (zona de observação do Vale do Lima)
Foto por: Sandra Coelho



Figura 82. Prados e pastagens permanentes melhoradas, Barcelos (zona de observação do Cávado)
Foto por: Maria Laura

As espécies que compõem os prados e as pastagens tiveram bom desenvolvimento, graças à humidade e às temperaturas muito amenas.

Com a maioria dos solos na capacidade de campo, segundo o IPMA, a maior parte das sementeiras das forrageiras de outono/inverno estão por realizar.

Mantêm-se idêntico o contributo das rações industriais na alimentação das diferentes espécies pecuárias.

8.2 Trás-os-Montes

No geral, e um pouco por toda a região transmontana, a paisagem mudou. As cores dominantes são as típicas cores de outono, alternando com as verdejantes pastagens, forragens e as culturas cerealíferas.

As pastagens permanentes de regadio e as pastagens permanentes de sequeiro (os vulgos lameiros) oferecem ótimas condições para a prática do pastoreio. O estrato herbáceo está em ótimo desenvolvimento vegetativo e nos dias solarengos é frequente ver os diferentes efetivos pecuários em pastoreio (figuras 83 e 84).



Figura 831. Ovinos em pastoreio num pousio agronómico, Deilão – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura84. Bovinos mirandeses em pastoreio, Izeda – Bragança

Também as culturas forrageiras se apresentam com bom desenvolvimento vegetativo, uma vez que tiveram condições meteorológicas favoráveis no decorrer da sua instalação e da germinação, associadas à disponibilidade hídrica do solo.

Segundo alguns produtores pecuários, e conforme as figuras 85 e 86, as forrageiras apresentam melhor estado vegetativo que em igual período do ano anterior. As fotografias foram tiradas nas mesmas parcelas, para a mesma mistura forrageira, no mesmo mês, mas em anos diferentes, e é notório que a vegetação que compõe estas misturas está em melhor estado na presente campanha (figura 86). No mesmo período do ano anterior tinha chovido muito, existia excesso de água no solo e as plantas já apresentavam uma cor mais amarela.



Figura 85. Cultura forrageira com mistura de triticales e leguminosas, 21.11.2023, Gostei – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 86. Cultura forrageira com mistura de triticales e leguminosas, 21.11.2024, Gostei – Bragança (mesma parcela)

A área de aveia para forragem também já se encontra semeada e em plena germinação, com bom desenvolvimento vegetativo.

A cultura do nabo forrageiro (figura 87) apresenta bom desenvolvimento - o tempo ameno e a disponibilidade hídrica nos solos favoreceu esta cultura, com as plantas a apresentarem um bom desenvolvimento da parte aérea e da parte radicular, sendo em breve disponibilizadas para alimentação animal.



Figura 87. Nabo forrageiro em regime de sequeiro, Deilão – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 88. Aveia forrageira, Deilão – Bragança



Figura 89. Pastagem permanente de sequeiro, novembro de 2023, Gimonde – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 90. Pastagem permanente de sequeiro, novembro de 2024, Gimonde – Bragança (mesma parcela)



Figura 91. Lameiro rico em matéria verde, Brunhosinho – Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

9 Quadros com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Quadro 1. Evolução da área de Aveia para Grão

Localização	%	ha
Entre Douro e Minho	92	126
Ave	100	35
Basto	100	10
Cávado	100	23
Entre Douro e Vouga	65	21
Grande Porto	100	4
Ribadouro	100	8
Vale do Lima	100	4
Vale do Minho	100	12
Vale do Sousa	100	9
Trás-os-Montes	101	2 092
A. Tâmega e Alvão P.	100	94
Barroso	100	24
Beira Douro e Távora	100	13
Corgo e Marão	100	4
Douro Superior	100	43
Planalto Mirandês	100	1 034
Terra Fria	105	449
Terra Quente	100	431
Região Norte	100	2 217

Quadro 2. Evolução da produção global de milho-grão de regadio

Localização	%	Valor
Entre Douro e Minho	89	77 523
Ave	91	11 819
Basto	94	5 081
Cávado	88	22 428
Entre Douro e Vouga	100	5 059
Grande Porto	100	6 031
Ribadouro	80	5 931
Vale do Lima	93	5 645
Vale do Minho	92	3 022
Vale do Sousa	80	12 508
Trás-os-Montes	104	6 481
A. Tâmega e Alvão P.	105	3 359
Barroso	105	1 758
Beira Douro e Távora	100	232
Corgo e Marão	100	357
Douro Superior	100	186
Planalto Mirandês	100	127
Terra Fria	104	199
Terra Quente	100	263
Região Norte	90	84 004

Quadro 3. Evolução da produção global de kiwi

Localização	%	toneladas
Entre Douro e Minho	63	24 707
Ave	50	2 769
Basto	65	1 032
Cávado	75	4 951
Entre Douro e Vouga	50	1 064
Grande Porto	50	3 113
Ribadouro	70	1 978
Vale do Lima	53	596
Vale do Minho	54	774
Vale do Sousa	70	8 430
Trás-os-Montes	100	30
A. Tâmega e Alvão P.	100	4
Beira Douro e Távora	100	17
Corgo e Marão	100	1
Terra Quente	101	9
Região Norte	63	24 737

Quadro 4. Evolução da produção global de frutos secos

Localização	Avelã		Castanha		Noz	
	%	toneladas	%	toneladas	%	toneladas
Entre Douro e Minho	92	4	86	951	93	178
Ave	86	2	82	27	97	38
Basto	100	0	86	11	100	6
Cávado	0	0	100	110	94	37
Entre Douro e Vouga	0	0	60	69	50	5
Grande Porto	0	0	60	29	50	3
Ribadouro	100	1	85	391	100	55
Vale do Lima	100	0	100	225	85	13
Vale do Minho	0	0	95	51	95	0
Vale do Sousa	100	0	85	37	100	20
Trás-os-Montes	127	116	110	19 041	114	951
A. Tâmega e Alvão P.	100	20	99	2 264	106	158
Barroso	100	0	100	223	100	3
Beira Douro e Távora	97	22	102	2 453	102	46
Corgo e Marão	101	2	93	282	104	23
Douro Superior	101	5	102	432	106	73
Planalto Mirandês	100	13	100	1 548	100	68
Terra Fria	187	41	118	10 880	117	414
Terra Quente	216	11	100	958	130	167
Região Norte	125	120	108	19 992	110	1 129

Quadro 5. Evolução da produção global de azeitona de mesa e azeitona para azeite

Localização	Azeitona de mesa		Azeitona para azeite	
	%	toneladas	%	toneladas
Entre Douro e Minho	0	0	41	450
Ave	0	0	100	13
Basto	0	0	79	142
Cávado	0	0	35	38
Entre Douro e Vouga	0	0	10	8
Grande Porto	0	0	10	1
Ribadouro	0	0	30	115
Vale do Lima	0	0	42	115
Vale do Minho	0	0	27	4
Vale do Sousa	0	0	30	14
Trás-os-Montes	104	3 186	124	84 816
A. Tâmega e Alvão P.	103	2	124	10 179
Barroso	100	0	100	7
Beira Douro e Távora	100	2	108	3 801
Corgo e Marão	100	6	108	4 334
Douro Superior	105	2 641	121	18 709
Planalto Mirandês	100	482	100	7 717
Terra Fria	110	4	130	4 452
Terra Quente	136	49	138	35 617
Região Norte	104	3 186	123	85 266

Quadro 6. Evolução da produção global de uva para vinho (mosto)

Localização	Uva para Vinho / Vinho	
	%	hectolitros
Entre Douro e Minho	95	883 908
Ave	86	78 700
Basto	93	81 368
Cávado	102	72 243
Entre Douro e Vouga	48	3 179
Grande Porto	80	22 124
Ribadouro	90	125 336
Vale do Lima	105	105 932
Vale do Minho	123	117 139
Vale do Sousa	90	277 888
Trás-os-Montes	108	1 647 682
A. Tâmega e Alvão P.	102	54 288
Barroso	105	1 974
Beira Douro e Távora	106	352 966
Corgo e Marão	111	691 621
Douro Superior	107	466 021
Planalto Mirandês	100	55 252
Terra Fria	95	12 813
Terra Quente	100	12 748
Região Norte	103	2 531 590